

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Mirella Zaniquelli Kuzmenko

A construção da identidade ucraniana no contexto da guerra (2022 -
Presente)

Bacharelado em Relações Internacionais

São Paulo

2025

MIRELLA ZANIQUELLI KUZMENKO

A construção da identidade ucraniana no contexto da guerra (2022 -
Presente

Dissertação apresentada à banca
examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência parcial
para obtenção do título de bacharel em
Relações Internacionais , sob a orientação da
profa., dra. Priscila Villela

SÃO PAULO

2025

FOLHA DE APROVAÇÃO

MIRELLA ZANIQUELLI KUZMENKO

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE UCRANIANA NO CONTEXTO DA GUERRA
(2022 - PRESENTE)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Relações Internacionais. Orientadora: Dra. Priscila Villela

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Priscila Villela (Orientadora – PUC São Paulo)

Prof. Dr. David Mattar de Magalhães (Arguidor – PUC São Paulo)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Alex e Silmara, que nunca me deixaram faltar nada e acreditaram em mim, mesmo quando eu não acreditava. Ao meu cachorro, Toody Augusto, pela companhia e pelo aconchego durante horas de pesquisa e escrita. E por fim, ao meu avô, Alexy Kuzmenko, que fugiu da fome e da guerra e encontrou no Brasil um lar.

RESUMO

KUZMENKO, Mirella. **A Construção da Identidade Ucraniana no contexto da Guerra (2022- Presente).**

Este trabalho analisa a construção e transformação da identidade nacional ucraniana em decorrência do conflito iniciado em 2022. Destaca-se como a guerra atuou como catalisador de rupturas, resistências e reinvenções identitárias, impulsionando a solidificação de um senso de pertencimento coletivo e de uma narrativa de resistência. A análise aborda o papel de discursos políticos, mídias audiovisuais, manifestações culturais, como a música e o cinema, e estratégias discursivas que reforçam valores democráticos e civis, sobretudo diante da agressão externa. Além disso, discute a reconfiguração das identidades de comunidades russófonas, evidenciando a complexidade das disputas simbólicas e culturais no contexto do conflito. A pesquisa também destaca como eventos históricos, como o Holodomor e a Revolução da Dignidade, foram integrados às memórias coletivas, reforçando a narrativa de resistência e independência. Assim, a guerra aparece como um momento de redefinição contínua da nação, na qual diferentes elementos culturais, históricos e políticos se articulam na busca por uma identidade coletiva autônoma, coesa e ressignificada frente ao conflito.

Palavras-chave: Identidade; Nacionalismo cívico; Resistência; Memória histórica; Símbolos Nacionais; Ucrânia.

ABSTRACT

KUZMENKO, Mirella. **The Construction of Ukrainian Identity in the Context of the War (2022 – Present)**

This work analyses the construction and transformation of Ukrainian national identity as a consequence of the conflict initiated in 2022. It highlights how the war has acted as a catalyst for ruptures, resistances, and re-inventions of identity, driving the solidification of a sense of collective belonging and a narrative of resistance. The analysis examines the role of political discourse, audiovisual media, cultural manifestations such as music and cinema, and discursive strategies that reinforce democratic and civic values, especially in the face of external aggression. Furthermore, it discusses the reconfiguration of identities among Russian-speaking communities, illustrating the complexity of symbolic and cultural disputes amid the conflict. The research also emphasises how historical events, such as the Holodomor and the Revolution of Dignity, have been incorporated into collective memories, thereby reinforcing narratives of resistance and independence. Thus, the war emerges as a moment of ongoing redefinition of the nation, where various cultural, historical, and political elements are articulated in the pursuit of an autonomous, cohesive, and re-signified collective identity in response to the conflict.

Keywords: Identity; Civic nationalism; Resistance; Historical memory; National symbols; Ukraine.

SUMÁRIO

Introdução 9

1.0 Identidade, Nacionalismo e Cultura em Tempos de Guerra 14

1.1 A Nação como Construção Simbólica: Benedict Anderson 15

1.2 Nacionalismo e Modernidade: Ernest Gellner 17

1.3 Identidade como Processo Relacional e em Disputa: Stuart Hall 19

2.0 A Identidade Ucraniana em Perspectiva Histórica 21

2.1 Dominação, Resistência e a Forja da Nação 21

2.2 A Revolução da Dignidade e o Renascimento da Ucrânicidade 22

2.3 A Ucrânia Sob Cerco e a Consolidação de um “Nós” Cívico 24

3.0 A Guerra como Catalisadora de Rupturas, Resistências e Reconstruções

Identitárias 26

3.1 Crimeia , Donbass e a Consciência Nacional Ucraniana 26

3.2 Ressignificação da Língua Ucraniana em Tempos de Conflito 28

3.3 A Reconstrução da Nação em Torno de Valores Políticos, e não de Heranças Étnicas 29

3.4 A Guerra como Força de Deslocamento e Reinvenção do Pertencimento 30

4.0 A Guerra como Palco Simbólico da Nação e da Resistência Ucraniana 32

4.1 Retórica como Ato de Coesão Nacional e Resistência Simbólica 32

4.2 A Canção como Território de Memória, Afeto e Pertencimento Cívico 34

4.3 O Audiovisual como Ferramenta de Diplomacia Cultural e Reconstrução

Identitária 36

5.0 Considerações Finais 40

Referências Bibliográficas 42

Introdução

A identidade nacional é uma construção social desenvolvida por meio de processos históricos, culturais e políticos (SMITH,1991). Ela se manifesta como uma coletividade que se reconhece como parte de uma nação, compartilhando símbolos, valores, tradições, língua e memória histórica comuns. Para Benedict Anderson (1983), as nações são “comunidades imaginadas”, pois seus membros nunca conhecerão a maioria de seus compatriotas, mas, ainda assim, nutrem uma imagem mental de comunhão. Essa noção é especialmente relevante ao se observar a complexidade da formação da identidade ucraniana, uma nação que, ao longo dos séculos, enfrentou inúmeras tentativas de assimilação, dominação e negação de sua existência enquanto povo soberano.

A história da Ucrânia é marcada por sucessivas disputas geopolíticas, envolvendo principalmente o Império Russo, a União Soviética e, mais recentemente, a Federação Russa. A região que hoje constitui o território ucraniano esteve sob influência de múltiplas potências ao longo do tempo, o que impactou significativamente a formação de uma consciência nacional coesa (PLOKHY, 2015). Após a independência, em 1991, a Ucrânia iniciou um processo de reconstrução nacional, buscando consolidar instituições, definir suas fronteiras políticas e culturais e afirmar sua identidade diante do legado soviético e da influência russa (KUZIO, 2001). No entanto, foi a partir de 2014, com o Euromaidan, a anexação da Crimeia e o início do conflito armado no leste do país, que o processo de afirmação identitária se intensificou de forma marcante (KUDRYAVTSEV, 2016; WOLCZUK, 2017)

Desde então, a identidade ucraniana passou por uma ressignificação profunda em um contexto de guerra e resistência (KUZIO,2015; YEKELCHYK,2020). Neste trabalho, pretende-se argumentar que o conflito armado, longe de fragmentar a nação, contribuiu para reforçar sentimentos de pertencimento, solidariedade nacional e diferenciação em relação à Rússia. Assim, busco mostrar como o nacionalismo ucraniano assumiu novas formas, fortalecendo o uso da língua ucraniana, a valorização de símbolos nacionais, a revisão de narrativas históricas e a produção cultural voltada à resistência. De acordo com Ernest Gellner (1983), o nacionalismo moderno surge em contextos de transformação social, em que se requer a unificação cultural de uma população para garantir a coesão de um

Estado-nação. O caso da Ucrânia, especialmente após 2014, alinha-se a esse modelo teórico, revelando um esforço para construir uma identidade nacional unificada diante de uma ameaça externa concreta.

Nesse processo, o papel da cultura e da linguagem torna-se essencial. A língua ucraniana, por exemplo, historicamente relegada a segundo plano em diversas regiões do país, passou a ser promovida como símbolo de resistência e afirmação nacional. Aneta Pavlenko (2008), por exemplo, nos mostra como as políticas linguísticas pós-independência buscaram ampliar o uso do ucraniano em detrimento do russo, mas foi a partir de 2014 que tais políticas se tornaram mais assertivas, com o objetivo de consolidar a identidade nacional e reduzir a influência cultural da Rússia. A valorização da língua, nesse contexto, ultrapassa o campo da comunicação e torna-se um instrumento político e simbólico de soberania.

Paralelamente, observa-se uma intensa produção cultural voltada à reafirmação da identidade ucraniana. Música, cinema, literatura e artes visuais passaram a representar não apenas a experiência da guerra, mas também a resiliência do povo. Essas manifestações reforçam narrativas de bravura, solidariedade e unidade nacional. Como destaca Serhii Yekelchuk (2020), a cultura tem sido fundamental para mobilizar a população em torno de uma causa nacional comum, especialmente em momentos de crise. Filmes, canções e exposições artísticas têm desempenhado um papel crucial na construção de uma identidade ucraniana contemporânea orientada pela defesa da liberdade e da autonomia.

Além disso, os discursos políticos e midiáticos assumiram um papel ainda mais ativo na reconfiguração da identidade nacional. Com o agravamento do conflito em 2022, o governo ucraniano intensificou o uso de narrativas de heroísmo, martírio e luta pela liberdade, projetando a imagem da Ucrânia como um bastião democrático diante do autoritarismo russo. Segundo Tatiana Zhurzhenko (2023), esse discurso fortalece não apenas a unidade interna, mas também a legitimação da causa ucraniana perante a comunidade internacional. A guerra, portanto, não apenas destrói fisicamente o território ucraniano, mas também atua como catalisadora de um processo simbólico profundo, reposicionando a identidade nacional diante de novas ameaças e oportunidades.

Autores como Taras Kuzio (2015) e Serhii Plokhy (2023) ressaltam que a guerra, longe de dividir a população ucraniana, teve o efeito oposto: aumentou a consciência nacional, inclusive em regiões anteriormente mais ambíguas quanto à identidade. Mesmo comunidades russófonas passaram a se identificar com a causa ucraniana, reconhecendo a necessidade de preservar a soberania diante da agressão russa. Esse realinhamento identitário demonstra como a guerra pode atuar como força de coesão nacional, promovendo uma nova narrativa de pertencimento que atravessa fronteiras linguísticas e regionais.

A literatura sobre nacionalismo e identidade nacional avançou significativamente ao longo das últimas décadas, sobretudo apoiada em contribuições teóricas clássicas de Benedict Anderson (1983), Ernest Gellner (1983) e Stuart Hall (1996), que ressaltaram a construção social, cultural e política das identidades coletivas. No caso ucraniano, autores como Taras Kuzio (2015), Serhii Plokhy (2015; 2023) e Serhii Yekelchuk (2020) analisaram o impacto histórico do domínio russo e soviético, bem como os desafios da consolidação nacional após a independência em 1991. Mais recentemente, trabalhos como os de Onuch e Hale (2018) e Zhurzhenko (2023) destacaram que os eventos de 2014 e 2022 catalisaram a reafirmação identitária, especialmente diante da agressão russa. Apesar desses avanços, ainda carecem estudos que sistematizem, de forma mais abrangente, o papel da cultura, da linguagem e da produção simbólica nesse processo, dimensões frequentemente secundarizadas em análises voltadas ao campo geopolítico ou militar.

Em diálogo com a literatura sobre nacionalismo e identidade, este trabalho busca preencher lacunas ainda pouco exploradas. Em primeiro lugar, pretende-se compreender como a identidade nacional ucraniana tem sido (re)construída em meio ao conflito prolongado com a Rússia, especialmente após a intensificação da guerra em 2022. Embora estudos anteriores avancem em aspectos geopolíticos e militares (MANKOFF, 2022; CHARAP; TREISMAN, 2016), pouco exploram, de forma sistemática, a dimensão simbólica e cultural, foco central desta pesquisa.

Nosso interesse é enfatizar justamente essas dimensões, frequentemente negligenciadas, destacando o papel da linguagem, das manifestações culturais, da memória e dos discursos políticos como instrumentos ativos de resistência e de

afirmação identitária. Para isso, propomos aplicar e atualizar os referenciais teóricos de autores como Benedict Anderson (1983), Ernest Gellner (1983) e Stuart Hall (1996) ao caso ucraniano contemporâneo, contribuindo para o debate sobre identidade em contextos de guerra. O estudo também busca explorar as transformações identitárias em regiões russófonas, observando como o conflito tem provocado uma ressignificação do pertencimento nacional e o fortalecimento de um nacionalismo cívico. Ao adotar uma abordagem interdisciplinar que articula política, cultura e mídia, este trabalho pretende tratar a guerra não apenas como evento histórico, mas também como processo comunicativo e simbólico, com impactos profundos na constituição da identidade coletiva ucraniana.

A construção da identidade nacional ucraniana no contexto da guerra contra a Rússia é, portanto, um tema atual, politicamente relevante e com grande potencial analítico para os estudos sobre identidade, cultura e nacionalismo. Compreender como uma nação mobiliza seus recursos simbólicos para afirmar sua existência em um cenário de tensão permanente é uma tarefa essencial para as ciências humanas e sociais.

A guerra na Ucrânia, intensificada a partir de 2014 e agravada pela invasão em larga escala iniciada em 2022, não representa apenas um conflito territorial ou estratégico, mas também uma disputa profunda por memória, identidade e pertencimento. Como aponta Serhii Plokhy (2015), a história da Ucrânia sempre esteve marcada por disputas narrativas com a Rússia, que procura enquadrar o país como parte de um espaço cultural comum. Nesse sentido, a Rússia justifica suas ações com base em argumentos históricos e culturais, buscando negar à Ucrânia sua autonomia identitária e estatal (KUZIO, 2022). Em resposta, a população ucraniana tem reagido por meio de manifestações políticas, culturais e sociais, que expressam uma intensa reafirmação de valores, símbolos e narrativas nacionais (YEKELCHYK, 2020; ZHURZHENKO, 2023). Esse processo revela que a guerra deve ser entendida não apenas como disputa militar, mas também como batalha simbólica pela memória e pela soberania, na qual a cultura e a identidade desempenham papel fundamental (KASIANOV, 2022; MÄLKSOO, 2015).

Estudar esse processo é fundamental para entender como a identidade nacional pode tornar-se um instrumento ativo de resistência e mobilização. Por fim,

este trabalho propõe fomentar um olhar crítico e sensível sobre os impactos da guerra não apenas em termos materiais, mas também nas dimensões simbólicas e subjetivas das populações afetadas. Ao compreender a identidade ucraniana como um campo em disputa, esta pesquisa busca refletir sobre o papel central da cultura e da linguagem na manutenção da soberania e na formação de um senso de coletividade diante da violência e da desestabilização externa.

A pesquisa adotará uma abordagem qualitativa, baseada em análise documental e cultural. Será realizada uma revisão da literatura acadêmica sobre identidade nacional, nacionalismo e cultura, com o objetivo de construir um referencial teórico que fundamentará as análises subsequentes. Serão utilizados como fontes primárias discursos oficiais, em especial do presidente Volodymyr Zelensky, documentos governamentais, reportagens da imprensa nacional e internacional, além de campanhas midiáticas. O objetivo é identificar como a identidade nacional é construída, reforçada e comunicada durante a guerra, com foco nos elementos simbólicos, linguísticos e patrióticos mobilizados nesses discursos.

Além disso, serão examinadas produções culturais ucranianas pós-2014, incluindo músicas, filmes, obras visuais e campanhas de comunicação que abordem a guerra, o nacionalismo ou a resistência cultural. Essas manifestações serão analisadas a partir das categorias dos estudos culturais, sobretudo a partir de Stuart Hall (1996), que entende a identidade como um processo em constante construção, atravessado por relações de poder e por representações simbólicas. A perspectiva de Homi Bhabha (1994) também é relevante, ao destacar a noção de hibridismo cultural e os espaços de resistência que emergem na interseção entre dominação e produção identitária. Nesse mesmo campo, Raymond Williams (1983) contribui para compreender a cultura como prática social, fundamental para articular experiências coletivas e expressar valores compartilhados.

No que se refere à teoria da identidade nacional, Benedict Anderson (1983) apresenta o conceito de “comunidade imaginada”, útil para interpretar como a produção cultural alimenta o sentimento de pertencimento a uma coletividade. Ernest Gellner (1983), por sua vez, enfatiza a centralidade da cultura e da homogeneização simbólica na consolidação dos Estados-nação modernos. Em

diálogo com essas abordagens, a análise das manifestações culturais ucranianas será compreendida como forma de expressão identitária e de resistência simbólica, permitindo observar como a arte, a mídia e a cultura popular funcionam como instrumentos ativos na reafirmação da soberania e na mobilização contra a violência externa.

O recorte temporal da pesquisa abrange o período de 2014 até os desdobramentos recentes (2025), considerando o Euromaidan como ponto de inflexão no processo de consolidação identitária, em virtude da intensificação da mobilização política, cultural e simbólica que se seguiu à Revolução da Dignidade e à agressão russa. A análise buscará compreender como elementos culturais e linguísticos são mobilizados para afirmar a soberania nacional ucraniana, resistir à influência russa e construir uma imagem coesa da “ucranianidade” contemporânea.

1.0 Identidade, Nacionalismo e Cultura em Tempos de Guerra

Para entender a identidade nacional, é necessário o diálogo com diferentes teorias que a tratam como construção histórica, cultural e política. Uma nação é fruto de processos sociais que mobilizam símbolos, narrativas e práticas de pertencimento. Diversos autores oferecem perspectivas complementares para analisar esse fenômeno: Benedict Anderson, ao conceber a nação como uma “comunidade imaginada”; Ernest Gellner, ao vincular o nacionalismo às condições estruturais da modernidade; e Stuart Hall, ao destacar a identidade como processo relacional e em disputa.

Essas abordagens permitem compreender o caso ucraniano contemporâneo, marcado pela guerra com a Rússia e pela necessidade de reafirmação simbólica da soberania. Ao articular práticas culturais, políticas estatais e disputas discursivas, o conflito expõe como as identidades nacionais não apenas se consolidam em momentos de estabilidade, mas também se (re)constroem em situações críticas. Nesse sentido, a análise da Ucrânia a partir desses três referenciais evidencia que a nação é um projeto em constante transformação, sustentado tanto por estruturas sociais quanto por mobilizações simbólicas e políticas diante de ameaças externas.

1.1 A Nação como Construção Simbólica: Benedict Anderson

O conceito de “sociedades imaginadas”, formulado por Benedict Anderson em sua obra *Imagined Communities* (1983), é uma das principais referências teóricas para compreender a formação das identidades nacionais. Para Anderson, a nação não é uma entidade natural ou inevitável, mas uma comunidade política imaginada que emerge historicamente por meio de práticas simbólicas, culturais e discursivas.

A nação é “imaginada” porque, mesmo que seus membros nunca conheçam pessoalmente a maioria dos demais cidadãos, compartilham a ideia de pertencer a um corpo coletivo, coeso e horizontal. Essa imaginação é sustentada por meios como a linguagem, a imprensa, a educação, os rituais cívicos e a cultura visual, que produzem e reproduzem o sentimento de pertença. A identidade nacional, nesse sentido, é menos uma questão de essência do que de representação e circulação de símbolos comuns.

No contexto ucraniano, essa perspectiva ajuda a compreender como o sentimento nacional tem sido (re)construído em resposta à guerra e à agressão russa. A Ucrânia moderna, embora tenha raízes históricas profundas, também é uma comunidade política continuamente reforçada por meios simbólicos: discursos, músicas patrióticas, campanhas de mídia, monumentos, filmes e o uso da língua ucraniana como ferramenta identitária.

Além disso, diversos estudos recentes mobilizam o conceito de “comunidades imaginadas” de Benedict Anderson para compreender as narrativas identitárias em torno do conflito com a Rússia. Um artigo da University of San Diego destaca que a disputa entre Rússia e Ucrânia é, em sua essência, um embate sobre identidade nacional construída historicamente e alinhada diretamente à concepção de nação como comunidade imaginada. O New Lines Institute explora o que chama a atenção sobre a “comunidade imaginada” de Putin, mostrando como o regime russo sustenta sua narrativa nacional por meio de mitos históricos e símbolos de memória, explorando justamente, as estruturas discursivas que moldam a identidade coletiva. A plataforma Свідомі (Svidomi) apresenta dados de opinião pública que ilustram como o sentido de independência na Ucrânia se intensificou com a guerra, uma evidência de como essa “comunidade imaginada” tem se fortalecido entre os cidadãos

Essas análises complementam debates sobre mobilização identitária e resistência, blogs como o da LSE (EuroPP) discutem o engajamento cultural e social que sustenta a resistência ucraniana, conectando práticas simbólicas cotidianas à noção de pertencimento que atravessa a guerra. E o think tank CSIS, por sua vez, analisa como a Ucrânia tem projetado sua identidade além da sombra russa, posicionando-se internacionalmente como uma nação autônoma e solidária, mais um exemplo de construção de uma comunidade imaginada emergente

Durante o conflito, a necessidade de afirmar soberania e diferença em relação à Rússia intensificou os mecanismos de produção da comunidade imaginada ucraniana. A figura de Zelensky, exaltado como símbolo vivo de resistência, catalisou o sentimento de unidade nacional, inclusive entre falantes de russo, como destacam Onuch & Hale (2022) e Pisano (2022), e foi articulada como um “símbolo antropomórfico da unidade nacional” em análises recentes (Zachara-Szymańska, 2023). A vitória de Stefania no Eurovision 2022, por meio do uso de elementos folclóricos e de visuais simbólicos, teve forte ressonância patriótica (Vanity Fair, 2022). Nos espaços urbanos, murais surgem espontaneamente por toda a Ucrânia, transformando ruas e fachadas em talismãs visuais de heroísmo e resiliência (Vakhovska et al., Arts, 2022). Ainda, produções documentais como *20 Days in Mariupol* atuam como testemunhos visuais poderosos da resistência civil, contribuindo para manter viva e compartilhada a imaginação coletiva ucraniana.

Além disso, a guerra estimula uma maior circulação de narrativas e imagens que reforçam a “imaginação nacional” dentro e fora da Ucrânia. Conforme argumentou Benedict Anderson (1983), a nação é uma comunidade “imaginada”, pois seus membros, mesmo sem se conhecerem pessoalmente, compartilham símbolos, narrativas e práticas que constroem um sentimento de pertencimento. Nesse sentido, os meios de comunicação desempenham papel fundamental: Anderson destaca o impacto do “capitalismo de impressão”, jornais, livros e, posteriormente, novas mídias, como motor da construção nacional. Hoje, essa lógica se expande para as redes sociais, a imprensa internacional e os canais culturais, que tornam possível que a população ucraniana, assim como a diáspora, participe de uma mesma narrativa coletiva

A circulação de vídeos e imagens da resistência em cidades como Kiev e Mariupol, a cobertura internacional que enquadra a Ucrânia como uma nação soberana em luta e a difusão de manifestações culturais no exterior (música, exposições, festivais) exemplificam esse processo de construção simbólica. A diáspora, em especial, reproduz e compartilha os mesmos símbolos, bandeiras, hinos, hashtags como #StandWithUkraine, criando uma comunidade imaginada transnacional.

Em síntese, a teoria de Anderson oferece uma chave interpretativa fundamental para compreender o papel da cultura na consolidação da identidade nacional ucraniana. Ao reconhecer que a nação é um projeto simbólico e comunicativo, compreende-se que a luta da Ucrânia não se dá apenas em termos territoriais ou militares, mas também no campo da imaginação coletiva, onde se delineiam os contornos do “nós” nacional em oposição ao “outro” invasor.

1.2 Nacionalismo e Modernidade: Ernest Gellner

Ernest Gellner, em sua obra *Nations and Nationalism* (1983), sustenta que o nacionalismo é um produto da modernidade, mais especificamente das transformações sociais, econômicas e culturais provocadas pela Revolução Industrial e pela ascensão das sociedades industriais modernas. Ao contrário de visões que tratam a nação como uma entidade “natural” ou milenar, Gellner argumenta que as nações são construções modernas que emergem para satisfazer as demandas de homogeneização cultural impostas por sociedades industriais complexas. Nesse modelo, a educação formal, a burocracia estatal e a circulação de uma língua padronizada tornam-se instrumentos centrais para integrar populações dispersas em uma cultura nacional unificada.

Trabalhos mais recentes, no entanto, ampliam esse debate ao mostrar que a identidade nacional não é apenas produto da modernização estrutural, mas também de disputas históricas e contextuais. Wilson (2024), por exemplo, em *Ukraine at War: Baseline Identity and Social Construction*, argumenta que a guerra atua como catalisador na redefinição das identidades nacionais, acelerando processos de escolha, rejeição e ressignificação coletiva. A análise historiográfica sobre a Ucrânia (BARBOSA, 2023) também evidencia como conflitos armados reativam memórias, símbolos e narrativas divergentes, demonstrando que a identidade nacional não é

estática, mas sim atravessada por tensões regionais e históricas. Assim, em diálogo com Gellner, pode-se dizer que, embora o nacionalismo tenha se consolidado a partir das condições impostas pela modernidade, sua atualização e fortalecimento dependem igualmente de conjunturas críticas, como guerras e disputas de memória, que moldam os contornos do “nós” nacional.

Segundo o autor, o nacionalismo é a doutrina que exige que as fronteiras políticas coincidam com as culturais. Em sociedades pré-modernas, a cultura era fragmentada, e a comunicação vertical predominava: as elites falavam línguas diferentes das massas camponesas. No entanto, a sociedade industrial demanda alfabetização, mobilidade social, padronização linguística e coesão simbólica, o que leva os Estados a promoverem uma cultura nacional homogênea. O nacionalismo, portanto, não cria as nações a partir de suas raízes históricas, mas cria nações onde é funcional fazê-lo.

No caso ucraniano, Gellner explica a fase pós-2014, em que a guerra com a Rússia impulsionou um processo acelerado de unificação simbólica e cultural. A partir da Revolução da Dignidade (Euromaidan), e especialmente com a anexação da Crimeia e o conflito no Donbass, o Estado ucraniano passou a investir fortemente em políticas de afirmação da identidade nacional: promoção da língua ucraniana, reescrita da memória coletiva, reformas educacionais, revalorização de símbolos nacionais e desrussificação do espaço público.

Essas ações respondem diretamente à necessidade de construir uma base cultural comum que sustente a soberania política do Estado. Como prevê Gellner, o nacionalismo surge quando há um desalinhamento entre a organização política e a diversidade cultural, e se torna necessário “alinhar” essas esferas para garantir a estabilidade do projeto nacional. No caso da Ucrânia, o conflito com a Rússia funcionou como um acelerador desse processo, pois expôs os riscos da fragmentação cultural e linguística, especialmente em regiões onde o russo predominava.

O surgimento de um nacionalismo cívico ucraniano, voltado mais à lealdade ao Estado do que à etnia ou à origem linguística, também pode ser interpretado pela teoria de Gellner: trata-se de uma tentativa de construir coesão simbólica em um Estado com diversidade histórica e regional. As políticas culturais e linguísticas,

portanto, não são apenas expressão espontânea de um sentimento nacional, mas também instrumentos racionais de consolidação estatal, exatamente como Gellner descreve.

Assim, a teoria de Gellner permite entender a identidade ucraniana contemporânea como uma construção histórica, motivada por circunstâncias políticas e estruturais, e constantemente atualizada diante das transformações sociais e dos desafios externos. A guerra, nesse contexto, age como um gatilho que acelera a necessidade de padronização e de reafirmação identitária, tornando o nacionalismo um recurso político essencial para a sobrevivência do Estado ucraniano enquanto entidade soberana e diferenciada. Essa análise conecta-se à abordagem de Wilson, que mostra como eventos críticos, como a invasão russa, intensificam disputas simbólicas e reconfiguram a percepção coletiva de pertencimento, evidenciando que o nacionalismo moderno é tanto estrutural quanto contingente às crises políticas e militares.

1.3 Identidade como Processo Relacional e em Disputa: Stuart Hall

Stuart Hall contribui para a compreensão da identidade como um processo dinâmico, relacional e historicamente situado. Em oposição às visões essencialistas, que tratam a identidade como algo fixo, estável e originário, Hall propõe que ela é construída por meio de representações, relações de poder e práticas discursivas.

Para ele, as identidades são formadas no espaço da diferença: elas não existem por si mesmas, mas constituem-se em oposição a um “outro”. É nesse sentido que Hall afirma que a identidade está sempre “em processo”: fluida, instável e em constante reconstrução conforme os contextos históricos, sociais e políticos mudam. Outros autores que analisam o caso da Ucrânia, como o artigo da Philosophy of Education Society sobre o conflito, também reforçam essa ideia ao problematizar a tentação de conceber identidades nacionais como essências fixas, quando, na prática, elas se configuram como respostas a situações de crise e confronto.

No caso ucraniano, a abordagem de Hall oferece uma lente fundamental para analisar como a identidade nacional tem sido (re)formulada em meio ao conflito com a Rússia. A guerra não apenas provocou transformações territoriais ou militares,

mas também reconfigurou os discursos de pertencimento, os símbolos nacionais e os sentidos coletivos de "ser ucraniano". A identidade nacional, nesse contexto, não emerge de uma essência cultural originária, mas sim como resposta à ameaça externa e à necessidade de diferenciação simbólica.

A figura do "outro", no caso, a Rússia, é central nesse processo. Como observa Hall, a identidade se constitui pela diferença, e é exatamente na oposição à imagem da Rússia autoritária, imperialista e negadora da autonomia ucraniana que se fortalece uma identidade ucraniana democrática, plural e soberana. Os discursos políticos, as campanhas culturais e as produções artísticas têm reforçado essa polarização simbólica, marcando os contornos do "nós" e do "eles".

Além disso, Hall destaca que as identidades não são homogêneas, mas marcadas por conflitos internos. Isso é evidente na Ucrânia, onde variações regionais, linguísticas e históricas tornam a identidade nacional um campo de disputa permanente. A guerra, em vez de eliminar essas diferenças, as reorganiza em torno de um novo centro simbólico: a resistência à invasão, a defesa da soberania e a revalorização da cultura nacional. O que emerge é um projeto identitário aberto e em transformação, um "campo de luta" discursivo e simbólico, no qual diferentes vozes, memórias e experiências se articulam.

Essa perspectiva também se manifesta na mobilização de elementos culturais, como a música, a língua, os monumentos e os discursos políticos, que, conforme aponta Hall, produzem sentidos e organizam a experiência coletiva. A identidade ucraniana, nesse sentido, não é apenas vivida, mas também performada, narrada, visualizada e ensinada, especialmente em tempos de crise.

Assim, Stuart Hall nos ajuda a compreender que a identidade ucraniana contemporânea não é um dado estático, mas um projeto político e cultural em constante negociação, profundamente atravessado por relações de poder, práticas discursivas e disputas simbólicas. Em tempos de guerra, essa identidade torna-se ainda mais visível e necessária, pois estrutura a resistência, orienta a solidariedade e dá sentido à luta por autodeterminação.

2.0 A Identidade Ucraniana em Perspectiva Histórica

A identidade nacional ucraniana não pode ser compreendida sem entender a sua trajetória histórica, marcada por disputas imperiais, tentativas de assimilação e resistências culturais. Seguindo a perspectiva de autores como Anderson (1983), Gellner (1983) e Hall (1996), entende-se que a nação é uma construção moderna, simbólica e relacional, fruto de processos históricos e políticos. Nesse sentido, o caso da Ucrânia mostra como a definição do “ser ucraniano” foi moldada ao longo dos séculos, em resposta a diferentes contextos de dominação e de luta por autonomia.

2.1 Dominação, Resistência e a Forja da Nação

A identidade nacional ucraniana é resultado de um processo histórico marcado por disputas imperiais, colonização cultural e resistência simbólica. Desde a Idade Média, o território hoje reconhecido como Ucrânia esteve sob influência de diversos impérios e potências, como o Grão-Ducado da Lituânia, a Comunidade Polaco-Lituana, o Império Otomano, o Império Russo e, posteriormente, a União Soviética. Cada um desses momentos implicou diferentes formas de dominação política, linguística e cultural, afetando profundamente a construção da ideia de “ucranianidade”.

Durante o período do domínio polonês, entre os séculos XVI e XVIII, a elite ucraniana passou por um processo de polonização, enquanto o campesinato se mantinha ligado à tradição eslava oriental, especialmente por meio da Igreja Ortodoxa. Já sob o Império Russo, a partir do final do século XVIII, inicia-se uma política mais agressiva de russificação, que busca negar a existência de uma identidade ucraniana distinta. O uso da língua ucraniana foi limitado em escolas e publicações, e a história da Ucrânia passou a ser narrada como parte da “história comum” russa (KAPPELE, 2001).

O século XIX foi crucial para o surgimento de um nacionalismo ucraniano moderno. Intelectuais como Taras Shevchenko, considerado o pai da literatura ucraniana, utilizaram a língua e o folclore para afirmar uma identidade cultural própria. Esse processo, embora limitado pela repressão czarista, alimentou um sentimento de pertença à nação ucraniana, mesmo sem um Estado soberano. Tal

fenômeno pode ser compreendido a partir da perspectiva de Benedict Anderson (1991), para quem as nações são “comunidades imaginadas”, formadas por meio de símbolos, narrativas e da circulação de impressos. De forma semelhante, Serhy Yekelchuk (2007) argumenta que a produção literária e cultural do século XIX representou o primeiro passo para a consolidação de uma consciência nacional ucraniana.

Durante o século XX, o breve período de independência ucraniana após a Revolução de 1917 foi rapidamente suprimido com a criação da União Soviética. Sob Stalin, a política de coletivização forçada e o genocídio do Holodomor (1932–1933) deixaram cicatrizes profundas na memória nacional, tornando-o atualmente um dos pilares do discurso identitário contemporâneo (PLOKHY, 2015). Nesse ponto, a análise de Anthony D. Smith (1999) sobre o papel dos mitos, memórias e traumas históricos na formação das nações ajuda a compreender como o Holodomor foi transformado em elemento central da narrativa nacional ucraniana.

No pós-Segunda Guerra Mundial, a Ucrânia soviética passou por um processo de modernização econômica e urbanização, mas a cultura ucraniana continuou marginalizada em relação ao russo como língua e vetor de poder. A dominação soviética exemplifica o argumento de Gellner (1983), segundo o qual o nacionalismo surge como reação às estruturas de poder que buscam homogeneizar populações diversas. Apenas com o colapso da URSS, em 1991, foi possível retomar, de forma institucional, a construção de uma identidade nacional autônoma (WILSON, 2015).

No entanto, mesmo após a independência, o país permaneceu dividido em termos linguísticos, religiosos e culturais, o que se refletiu em sua política externa, oscilante entre a Europa e a Rússia (RIABCHUK, 2012). A identidade ucraniana, portanto, aparece como um processo de constante negociação e afirmação diante de forças hegemônicas, em consonância com a visão de Stuart Hall (1996), para quem a identidade é sempre relacional, construída no espaço da diferença e da disputa por representação.

2.2 A Revolução da Dignidade e o Renascimento da Ucrânicidade

O movimento Euromaidan, iniciado no final de 2013, pode ser considerado um divisor de águas na história recente da Ucrânia e um catalisador da transformação

da identidade nacional. O que começou como um protesto contra a decisão do então presidente Viktor Yanukovich de rejeitar um acordo de associação com a União Europeia rapidamente evoluiu para um movimento de contestação mais amplo contra a corrupção, o autoritarismo e a orientação pró-Rússia do governo (KUZIO, 2017; ONUCH, 2015)

O Euromaidan, acima de tudo, foi um levante cívico. Multidões reunidas na Praça da Independência, em Kyiv, demandavam não apenas uma mudança geopolítica, mas também uma redefinição da moral, da cultura e da simbologia do país. Nesse sentido, o movimento teve um caráter profundamente cultural. As manifestações incorporaram músicas populares e patrióticas, símbolos históricos ucranianos, como a bandeira azul e amarela e o tridente, além de expressões artísticas urbanas, como grafite, performances e poesia (WANNER, 2014).

A Revolução da Dignidade, como passou a ser chamada, resgatou e ressignificou elementos da cultura nacional como símbolos de resistência. A imagem de Taras Shevchenko, um ícone da literatura e da identidade ucraniana, foi amplamente utilizada nos protestos, assim como canções folclóricas ganharam novos significados como hinos de protesto. Essa apropriação cultural confirma a tese de Anthony Smith (1999) sobre a centralidade dos mitos e das memórias históricas na mobilização nacional. Ao mesmo tempo, os protestos foram caracterizados por um espírito fortemente inclusivo, que embora houvesse tensões internas, a ideia de um povo unido contra a opressão unificou diferentes setores sociais, étnicos e linguísticos (ONUCH & SASSE, 2016).

Do ponto de vista discursivo, o Euromaidan representou uma virada no imaginário coletivo. A oposição entre uma Ucrânia europeia e uma Rússia imperial tornou-se o principal eixo identitário. A Europa passou a ser vista não apenas como um destino político, mas também como um conjunto de valores civilizatórios, incluindo democracia, pluralismo e direitos humanos, que a Ucrânia aspirava a encarnar. A Rússia, por outro lado, tornou-se símbolo de atraso, opressão e violência (WILSON, 2015). Esse processo dialoga com a análise de Stuart Hall (1996), segundo a qual a identidade se constitui pela diferença, isto é, pela oposição a um “outro” que organiza as fronteiras simbólicas da comunidade.

Após a queda de Yanukovich e a subsequente anexação da Crimeia pela Rússia em 2014, o impacto do Euromaidan sobre a identidade nacional tornou-se ainda mais evidente. A agressão externa serviu como um elemento adicional de coesão interna, na medida em que muitos ucranianos que antes mantinham uma identidade ambígua ou híbrida passaram a se identificar mais fortemente como ucranianos (RIABCHUK, 2015).

A virada cultural do Euromaidan também teve efeitos institucionais. O Estado ucraniano passou a promover com mais vigor políticas de valorização da língua ucraniana, do ensino da história nacional e da memória dos eventos como o Holodomor (PLOKHY, 2021). A cultura passou a ser reconhecida como um dos principais pilares da soberania nacional.

Além disso, o Euromaidan impulsionou uma nova geração de artistas, músicos, escritores e cineastas comprometidos com a causa nacional. Surgiram coletivos culturais e editoras independentes, produções cinematográficas sobre o movimento e a guerra subsequente e uma multiplicação de festivais e eventos culturais com identidade afirmadamente ucraniana (WANNER, 2014).

Com isso, o Euromaidan não é apenas uma revolução política, mas também uma revolução simbólica e cultural, que reforçou e redirecionou a identidade ucraniana para um modelo mais cívico, democrático e voltado para o Ocidente. Essa transformação marca o início de uma nova fase na luta identitária da Ucrânia, que se intensificou com a guerra de 2022.

2.3 A Ucrânia Sob Cerco e a Consolidação de um “Nós” Cívico

A invasão russa, iniciada em 24 de fevereiro de 2022, representou uma ruptura definitiva na trajetória histórica da Ucrânia e intensificou o processo de consolidação da identidade nacional. Embora a guerra no leste do país já estivesse em curso desde 2014, o ataque em massa ao território ucraniano gerou um impacto social, simbólico e emocional de proporções inéditas (PLOKHY, 2023).

Em tempos de guerra, a identidade nacional frequentemente emerge como um recurso de mobilização coletiva. No caso ucraniano, isso se manifestou de forma clara e abrangente. Como aponta Volodymyr Kulyk (2022), a guerra aumentou a saliência da identidade ucraniana em todos os grupos sociais, inclusive entre

falantes de russo e cidadãos que antes se identificavam com uma postura neutra ou ambígua. O conflito forçou escolhas identitárias, estar com a Ucrânia passou a ser mais do que uma posição política, tornou-se um imperativo ético e existencial.

Essa consolidação identitária ocorreu em diversos níveis. No plano simbólico, a guerra reforçou ícones nacionais como a bandeira azul e amarela, o hino nacional e heróis históricos, além de criar novos símbolos de resistência, como os soldados de Mariupol, a liderança do presidente Volodymyr Zelensky, a poetisa Lesya Ukrainka e frases como “Slava Ukraini” (Glória à Ucrânia) (PORTNOV, 2022).

No plano linguístico, observou-se um fortalecimento do uso da língua ucraniana, inclusive entre falantes nativos de russo, como expressão de resistência e pertencimento. Essa mudança linguística, muitas vezes espontânea, reflete o caráter performativo da identidade em situações de ameaça, falar o ucraniano tornou-se um ato político de afirmação nacional (KULYK, 2023).

A consolidação identitária também se manifestou no campo da memória. Eventos trágicos do passado, como o Holodomor, o massacre de Babyn Yar e a repressão soviética, foram resgatados e reinterpretados à luz da guerra atual, criando uma narrativa de resistência histórica à dominação externa (WANNER, 2023). Nesse sentido, a cultura da memória converteu-se em cultura de resistência, reforçando a ideia de continuidade histórica na luta pela soberania.

Além disso, a resposta internacional à guerra contribuiu para o fortalecimento da identidade interna. A solidariedade de países europeus e de comunidades ucranianas na diáspora reafirmou o pertencimento da Ucrânia ao espaço cultural e civilizacional europeu, reforçando ainda mais o afastamento simbólico em relação à Rússia (RIABCHUK, 2022).

É importante destacar que a identidade nacional que emergiu nesse contexto não é apenas étnica, mas predominantemente cívica. Trata-se de uma identidade baseada na adesão a valores comuns como liberdade, soberania e dignidade, e não apenas em traços culturais ou linguísticos herdados. Como observa Yaroslav Hrytsak (2022), a Ucrânia do pós-2022 representa uma nação cívica consolidada, com alto grau de coesão social e de propósito coletivo. Essa perspectiva dialoga com o argumento de Ernest Gellner (1983), segundo o qual a modernidade e a

ameaça externa tendem a reforçar a necessidade de homogeneização cultural como base da coesão nacional.

Em resumo, a guerra funcionou como um catalisador do processo identitário. A ameaça existencial à soberania nacional agiu como fator unificador, mobilizando memórias históricas, símbolos culturais e mecanismos de solidariedade coletiva. A identidade ucraniana, que ao longo da história foi frequentemente fragmentada e contestada, aparece agora como mais coesa, consciente e politicamente mobilizada.

3.0 A Guerra como Catalisadora de Rupturas, Resistências e Reconstruções Identitárias

A identidade ucraniana, construída historicamente em meio a disputas imperiais, políticas de assimilação e movimentos de resistência, foi profundamente impactada pelos acontecimentos recentes. A anexação da Crimeia em 2014, a guerra no Donbass e a invasão russa em 2022 intensificaram de forma inédita os processos de coesão e diferenciação nacional. Mais do que crises geopolíticas, esses episódios foram vividos como rupturas simbólicas que colocaram em jogo não apenas a soberania do Estado, mas também os sentidos de pertencimento coletivo. A guerra, ao mesmo tempo em que produziu violência material, provocou transformações culturais e subjetivas que reconfiguraram a forma como os ucranianos se percebem e se diferenciam em relação à Rússia.

Nesse contexto, torna-se necessário analisar as diversas dimensões desse processo identitário em tempos de guerra. Entre elas destacam-se os impactos simbólicos da anexação da Crimeia e da guerra no Donbass, a ressignificação da língua ucraniana como ferramenta política, o fortalecimento de um nacionalismo cívico em oposição ao étnico e as mudanças identitárias em comunidades tradicionalmente russófonas. Cada um desses aspectos evidencia que a identidade nacional ucraniana não é estática, mas um campo em constante disputa, atualização e afirmação.

3.1 Crimeia, Donbass e a Consciência Nacional Ucraniana

A anexação da Crimeia pela Rússia em 2014 e o início da guerra no Donbass desencadearam transformações profundas na forma como os ucranianos percebem sua identidade nacional. Mais do que eventos geopolíticos, esses episódios foram vividos como rupturas simbólicas, despertando sentimentos de ameaça, perda e

resistência. Autores como Serhii Plokhy (2015) e Taras Kuzio (2017) destacam que esses acontecimentos marcaram um ponto de inflexão na consciência nacional ucraniana, catalisando processos de coesão interna e de diferenciação em relação à Rússia.

No plano simbólico, a anexação da Crimeia foi percebida como a negação da soberania ucraniana e uma agressão direta à integridade territorial e histórica do país. Esse ato mobilizou respostas emocionais intensas que se expressaram de diversas formas, desde a indignação cívica até a produção artística engajada. A guerra no Donbass, por sua vez, expôs a complexidade identitária de regiões marcadas pela presença de populações russófonas, mas também revelou a força de uma identidade cívica ucraniana que transcende a língua. De acordo com os estudos de Volodymyr Kulyk (2016), muitos habitantes dessas áreas passaram a reforçar seu vínculo com o Estado ucraniano não por identidade étnica, mas pela rejeição à intervenção russa.

Stuart Hall (1996) ajuda a compreender esse processo ao afirmar que a identidade é relacional e construída em oposição a um “outro”. Nesse caso, a Rússia tornou-se esse “outro” contra o qual a ucranianidade contemporânea se define. A guerra intensificou o sentimento de pertencimento nacional, tornando a identidade algo não dado, mas construído e performado no cotidiano: na escolha da língua, no consumo cultural, nas manifestações públicas e nos discursos políticos.

Benedict Anderson (2008) também é importante para compreender esse momento. Se a nação é uma comunidade imaginada, a agressão externa contribuiu para que os ucranianos se imaginassem mais intensamente como parte de um mesmo corpo político. A guerra ampliou os sentimentos de solidariedade nacional, ao mesmo tempo em que reconfigurou a memória coletiva, atualizando traumas históricos e integrando-os à narrativa da resistência atual.

Assim, os impactos desses eventos não se limitam à esfera emocional, mas se traduzem em práticas cotidianas, escolhas culturais e posicionamentos políticos. A identidade nacional ucraniana, diante da violência simbólica e material da guerra, emerge como um projeto em disputa, mas também como um ato contínuo de afirmação e resistência.

3.2 Resignificação da Língua Ucraniana em Tempos de Conflito

A língua ucraniana, historicamente marginalizada em várias regiões do país, especialmente nas áreas orientais e meridionais, tem sido progressivamente ressignificada como instrumento político de resistência e soberania. A partir de 2014, e com maior intensidade após a invasão russa em 2022, o idioma deixou de ser apenas uma escolha cotidiana para se tornar um marcador explícito de pertencimento nacional e posicionamento ideológico.

Aneta Pavlenko (2008) observa que, mesmo após a independência da Ucrânia, o russo continuava a ser predominante em diversos espaços públicos e privados. As políticas linguísticas do Estado buscavam promover o ucraniano, mas encontravam resistência em regiões onde o russo era a língua majoritária. No entanto, a agressão militar russa alterou profundamente esse cenário. A língua passou a simbolizar a resistência à dominação estrangeira e tornou-se uma ferramenta de afirmação da identidade nacional.

Volodymyr Kulyk (2019) argumenta que o uso do ucraniano se tornou um ato político. Muitos cidadãos russófonos, diante da guerra, adotaram o ucraniano não apenas por questões legais ou educacionais, mas também como uma declaração simbólica de lealdade à Ucrânia. A escolha linguística passou a funcionar como uma fronteira identitária, especialmente em contextos em que a influência cultural russa ainda era forte.

Essa transformação linguística pode ser compreendida pela teoria de Stuart Hall (1996), que entende a identidade como um processo relacional e em constante disputa. A linguagem, nesse caso, é um campo simbólico onde se travam batalhas de pertencimento, de memória e soberania. Ao escolher o ucraniano, o indivíduo não apenas comunica, mas também performa sua identidade em oposição ao “outro” russo.

Benedict Anderson (2008) também contribui para essa análise ao afirmar que a língua é um dos principais pilares da “comunidade imaginada” nacional. A difusão e a valorização do ucraniano contribuem para consolidar um imaginário coletivo de uma nação unificada e distinta da Rússia. Assim, políticas de ucranização, como

cotas em mídias audiovisuais, exigência do idioma em serviços públicos e estímulo à produção cultural, adquirem um caráter estratégico de resistência.

Portanto, a ressignificação da língua ucraniana é, ao mesmo tempo, um fenômeno cultural, político e simbólico. Ela representa uma resposta à tentativa de apagamento cultural por parte da Rússia e um instrumento ativo na construção de uma identidade nacional renovada, resiliente e soberana.

3.3 A Reconstrução da Nação em Torno de Valores Políticos, e não de Heranças Étnicas

A guerra contra a Rússia acelerou transformações importantes na concepção da identidade nacional ucraniana, especialmente no que se refere às formas de nacionalismo que orientam o projeto de construção do Estado. Em meio ao conflito, tem-se observado uma ênfase crescente no nacionalismo cívico, em oposição ao nacionalismo étnico, refletindo uma tentativa deliberada de incluir diferentes grupos linguísticos, culturais e regionais sob uma identidade política comum.

De acordo com Ernest Gellner (1983), “o nacionalismo é essencialmente um princípio político que sustenta que a unidade política e a unidade nacional devem ser congruentes”. Essa definição mostra que o nacionalismo moderno não se restringe à etnicidade, mas busca criar uma cultura compartilhada capaz de sustentar o Estado. Para Gellner (1983), a homogeneidade cultural não é natural, mas construída por meio da educação, da burocracia e da comunicação de massa, elementos que podem ser observados na Ucrânia contemporânea, onde se promove uma identidade baseada em valores políticos e cívicos, como a democracia, a liberdade e a soberania.

Nesse mesmo sentido, Taras Kuzio (2015) argumenta que o Euromaidan representou uma ruptura simbólica com a tradição soviética e uma redefinição da nação em termos cívicos. Segundo ele, “o novo nacionalismo ucraniano não exige sangue ou língua, mas lealdade à Ucrânia como Estado independente” (KUZIO, 2015). A guerra com a Rússia reforçou esse processo, pois a invasão tornou explícito que a questão central não é a origem étnica, mas o compromisso político com a sobrevivência e autonomia do país.

A resistência nacional também pode ser compreendida a partir da análise de Volodymyr Kulyk. Para o autor, “a identidade ucraniana passou a incluir cada vez mais os falantes de russo, desde que estes se posicionem contra a agressão russa e apoiem a soberania da Ucrânia” (KULYK, 2016). Essa visão rompe com concepções anteriores que restringiam a identidade nacional a elementos étnico-linguísticos, abrindo espaço para uma comunidade política plural e inclusiva.

Entretanto, isso não significa o desaparecimento completo do nacionalismo étnico. Como observa Kuzio (2017), “a narrativa étnica persiste em alguns setores da sociedade, especialmente em grupos nacionalistas radicais, mas ela não domina mais o discurso oficial do Estado”. O peso crescente do nacionalismo cívico decorre, sobretudo, da necessidade de construir coesão nacional em um momento de ameaça existencial.

Esse processo de reconstrução da identidade nacional pode ser analisado à luz das contribuições de Stuart Hall. Para o autor, as identidades “não são fixas ou essenciais, mas construídas historicamente em meio a relações de poder e processos de significação” (HALL, 1996). Aplicando esse raciocínio ao caso ucraniano, pode-se afirmar que a guerra abriu um espaço de rearticulação discursiva, no qual diferentes identidades locais, linguísticas e culturais passaram a se integrar em torno de um projeto cívico de autodeterminação.

Em suma, a guerra contribuiu para a consolidação de um nacionalismo cívico ucraniano, que se apresenta como alternativa à exclusividade étnica. Como destaca Kulyk (2019), “a unidade nacional da Ucrânia é cada vez mais definida em termos de cidadania e escolha política, e não de herança cultural ou origem linguística”. Trata-se, portanto, de uma estratégia de resistência simbólica e política que fortalece a coesão interna, amplia o pertencimento e sustenta a legitimidade do Estado ucraniano diante de ameaças externas.

3.4 A Guerra como Força de Deslocamento e Reinvenção do Pertencimento

A guerra na Ucrânia não apenas reforçou a identidade nacional ucraniana em geral, mas também provocou transformações significativas nas identidades de comunidades tradicionalmente russófonas, especialmente nas regiões do leste e do sul do país. Esses processos desafiam concepções simplistas de identidade

baseadas exclusivamente na língua ou na origem étnica, revelando a complexidade das identidades em disputa.

Segundo Volodymyr Kulyk (2016), muitos falantes de russo nessas regiões passaram a reavaliar sua posição diante do conflito. Embora historicamente associados à cultura e ao idioma russo, muitos cidadãos reforçaram o vínculo com o Estado ucraniano, impulsionados pela rejeição à agressão russa e pelo desejo de pertencimento a uma comunidade política soberana e democrática. Essa mudança evidencia que a língua materna não determina necessariamente a lealdade nacional.

De forma semelhante, Taras Kuzio (2015) destaca que a guerra acelerou um processo de “ucrainização” simbólica em áreas onde o russo era predominante. Isso inclui não apenas a adoção crescente do idioma ucraniano, mas também o fortalecimento de narrativas históricas e culturais que enfatizam a distinção entre Ucrânia e Rússia, reforçando uma identidade nacional plural e inclusiva. Nesse contexto, a identidade deixa de ser algo fixo e imutável para se tornar um processo dinâmico e negociável.

Os estudos de Serhii Ploky (2015) complementam essa análise ao apontar que, embora a cultura russa tenha uma presença histórica profunda na vida cotidiana de muitas dessas comunidades, o impacto da guerra provocou um distanciamento simbólico da Rússia como “outro” e um reposicionamento político em favor da Ucrânia. Ploky (2015) argumenta que “a experiência da agressão externa reforçou a percepção da Ucrânia como uma comunidade imaginada compartilhada, independentemente das diferenças linguísticas ou regionais”.

Por sua vez, Stuart Hall (2008) contribui para a compreensão da identidade como um campo em constante articulação e disputa, no qual a experiência da guerra se torna um elemento-chave para a redefinição do pertencimento. As comunidades russófonas, assim, não são homogêneas nem predestinadas à identificação com a Rússia, mas estão inseridas em um processo de construção identitária que envolve escolhas políticas, culturais e simbólicas.

Essas transformações são evidentes também nas práticas cotidianas, como o consumo cultural, a participação em eventos públicos, o uso da língua e o engajamento político, que refletem uma crescente incorporação dos valores do

nacionalismo cívico ucraniano (KULYK, 2019). Ao mesmo tempo, a resistência à imposição da identidade russa e à narrativa oficial da Rússia reforça a complexidade dessas mudanças e fortalece a construção de um projeto nacional inclusivo.

Em síntese, as comunidades russófonas da Ucrânia estão vivenciando uma reconfiguração identitária que ultrapassa os marcadores linguísticos, orientada pela experiência da guerra e pela afirmação de um projeto nacional plural, inclusivo e soberano.

4.0 A Guerra como Palco Simbólico da Nação e da Resistência Ucraniana

A construção da identidade nacional em contextos de conflito é um fenômeno que envolve múltiplas dimensões simbólicas, culturais e políticas. No caso da Ucrânia, a invasão russa de 2014 e a escalada do conflito em 2022 intensificaram os processos de afirmação nacional, mobilização cívica e produção cultural como instrumentos de resistência. Nesse cenário, práticas discursivas, musicais e audiovisuais emergem como espaços de negociação identitária, nos quais valores como liberdade, democracia, soberania e pertencimento coletivo são articulados e performados.

4.1 Retórica como Ato de Coesão Nacional e Resistência Simbólica

Os discursos do presidente Volodymyr Zelensky são fundamentais para compreender a performatividade identitária em contextos de guerra e o papel da comunicação política na consolidação da identidade nacional ucraniana. Zelensky combina o pragmatismo político com uma forte carga simbólica, articulando valores como liberdade, democracia, dignidade e soberania como elementos centrais da identidade cívica ucraniana. “We will, because we know what gives democracy strength ,this is unity. Unity makes democracy alive ...” (ZELENSKY, 2025). Conforme Stuart Hall (1990), a identidade não é fixa, mas um processo dinâmico em constante reconstrução. Nesse sentido, os discursos públicos atuam como instâncias performativas, nas quais a narrativa nacional é reafirmada e negociada, e a população participa ativamente da construção de um “nós” coletivo em oposição a um “outro” externo.

Esse aspecto pode ser compreendido pelo deslocamento do foco do discurso como mera representação para o discurso como prática da realidade social. Como propõe Michel Foucault (1971), o discurso não apenas descreve o mundo, mas o

produz, organizando regimes de verdade e delimitando o que pode ser dito, pensado e reconhecido. Em um contexto de guerra, o discurso político de Zelensky atua como um dispositivo de poder que estrutura as percepções coletivas sobre a nação, o inimigo e o sentido de resistência. A linguagem, nesse caso, não é neutra, mas uma forma de ação que cria efeitos de realidade, legitimidade e pertencimento.

Ao se dirigir tanto ao público interno quanto à comunidade internacional, Zelensky constrói a oposição entre uma Ucrânia democrática e soberana e uma Rússia autoritária e agressora, transformando sua retórica em um instrumento de coesão nacional. O uso frequente do inglês, além de enfatizar a dimensão transnacional da resistência, conecta a Ucrânia à comunidade internacional, mobilizando solidariedade, apoio político e engajamento simbólico de países aliados: “We stand, we fight and we will win. Because we are united. Ukraine, America and the entire free world.” (ZELENSKY, 2022). Essa estratégia reforça a narrativa de uma Ucrânia integrada aos valores ocidentais de pluralismo, direitos humanos e democracia, fortalecendo, simultaneamente, o nacionalismo cívico em contraposição a qualquer identidade étnica excludente.

A partir de Judith Butler (1997), podemos entender os discursos como atos performativos, que descrevem a nação, mas também a fazem existir simbolicamente por meio da encenação de valores compartilhados. A identidade nacional, assim, surge de performances discursivas e visuais, com Zelensky vestindo uniforme militar, transmitindo mensagens diretas por vídeo e adotando uma postura de liderança simbólica que produzem efeitos de autenticidade e pertencimento. O presidente torna-se, nesse sentido, um “corpo discursivo” que encarna a nação, exemplificando a ideia de liderança performativa, na qual governar é representar e a coletividade.

Discursos como o pronunciamento diante do Parlamento Europeu em março de 2022, ou as falas diárias transmitidas durante a guerra, exemplificam essa dinâmica. Neles, Zelensky recorre a referências históricas, ao heroísmo cívico e à linguagem emocional para engajar o público, ressignificando símbolos nacionais como a bandeira azul e amarela e o tridente e os vinculando à resistência militar à afirmação cultural e identitária. Dessa forma, os discursos políticos tornam-se não apenas um canal de comunicação, mas também uma forma de performar e consolidar a identidade nacional ucraniana em meio ao conflito:

Estamos lutando por nossos direitos, por nossas liberdades e por nossas vidas. Agora estamos lutando pela nossa sobrevivência, e essa é a nossa maior motivação, mas também estamos lutando para sermos membros iguais da Europa. (ZELENSKY, 2022)

Em síntese, a análise dos discursos de Zelensky revela como o campo linguístico é central para a constituição da identidade nacional em tempos de guerra. Ao combinar pragmatismo e simbolismo, esses discursos transformam o espaço público em um palco de resistência simbólica, produzem efeitos de coesão social e projetam a Ucrânia como uma comunidade imaginada fundada em valores democráticos compartilhados. A virada linguística, portanto, permite compreender que a luta ucraniana não é apenas territorial ou militar, mas também uma disputa pelo poder de nomear, significar e imaginar a nação.

4.2 A Canção como Território de Memória, Afeto e Pertencimento Cívico

A música desempenha um papel central na coesão social, na mobilização emocional e na construção da identidade nacional ucraniana, atuando como veículo de resistência simbólica e de reforço dos valores cívicos. O fenômeno da canção “Stefania”, da Kalush Orchestra, vencedora do Eurovision 2022, exemplifica como elementos da música popular contemporânea podem ser ressignificados como ícones de resistência.

For every tear, for every scar,

For every battle near and far

Mother, Stefania, your love remains

Giving courage to endure the pains.

(STEFANIA,2022)

Misturando rap moderno com elementos folclóricos e homenageando a figura materna, *Stefania* foi rapidamente apropriada pelo público como um hino de identidade nacional e símbolo de solidariedade durante a guerra. A canção evidencia o potencial da música de criar uma comunidade imaginada, ao conectar afetivamente os ouvintes em torno da ideia de uma nação em luta. Conforme

argumenta Simon Frith (1996), a música expressa identidades já existentes, e as produz ao transformar emoções individuais em experiências coletivas compartilhadas. Assim, Stefania exemplifica como a música pode se tornar instrumento de construção simbólica da nação, especialmente em contextos de conflito.

Za nashu svobodu, za nashu zemliu,

“For our freedom, for our land”

Budem boryt’sia, ne zupyniat’sia

“We will fight, we will not stop”

Além de Stefania, outras canções contemporâneas ganharam força como expressões de resistência e de coesão nacional. *Oi u luzi chervona kalyna*, tradicional hino patriótico ucraniano, foi regravado em diversas versões modernas e difundido com apelo nacionalista e simbólico, incorporando memória histórica e continuidade da luta pela soberania.

A espada é a arma, a espada é a verdade!

A espada cossaca é força e poder!

(KOZAK SYSTEM,2012)

Músicas como *Zamanyly*, de *DakhaBrakha*, e *Pravda*, de *Kozak System*, também emergiram como trilhas sonoras de protesto e resistência, combinando elementos de folclore, rock e música eletrônica, o que reforça a ligação entre tradição cultural e engajamento contemporâneo.

Volodymyr Kulyk (2019) argumenta que essas práticas musicais funcionam como instrumentos culturais de reafirmação da identidade cívica e coletiva, permitindo que a população manifeste seu pertencimento à nação não apenas por meio de ações políticas, mas também por meio da participação em práticas culturais compartilhadas. A música torna-se um espaço de negociação identitária, no qual a história, a linguagem e os símbolos nacionais se articulam com a experiência contemporânea da guerra.

Вставай, моя рідна Україно, вставай

“Levanta-te, minha querida Ucrânia, levanta-te”

(BOOMBOX,2011)

Outros exemplos de músicas de resistência incluem Vstavai, de Boombox, e Viter z Ukrainy, de ONUKA, que evocam temas de resistência, unidade e resiliência e são amplamente utilizadas em manifestações públicas, vídeos e transmissões online, reforçando o sentimento de pertencimento à Ucrânia e estimulando a solidariedade entre diferentes gerações. A música também atua como ponte intergeracional e interregional, conectando jovens urbanos com comunidades rurais e regiões de língua russa e contribuindo para a consolidação de um nacionalismo cívico inclusivo.

Ми разом, ми сильні, ми вільні

"Estamos juntos, somos fortes, somos livres"

(ONUKA,2023)

Além disso, canções produzidas por artistas da diáspora ucraniana, como Freedom, de ONUKA, em colaboração com músicos internacionais, exemplificam como a música transcende fronteiras geográficas, mobiliza apoio global e amplia o alcance da narrativa identitária ucraniana. A música, portanto, funciona simultaneamente como expressão cultural interna e como ferramenta de diplomacia cultural e solidariedade internacional.

Em síntese, a música na Ucrânia contemporânea não é apenas entretenimento, mas também uma prática performativa de identidade nacional. Ela consolida memórias históricas, articula valores cívicos, mobiliza afetos e reforça a ideia de comunidade diante da ameaça externa, desempenhando papel decisivo na construção de uma identidade nacional coesa e resiliente.

4.3 O Audiovisual como Ferramenta de Diplomacia Cultural e Reconstrução Identitária

Os filmes e documentários sobre a guerra na Ucrânia desempenham um papel fundamental na formação da memória coletiva, na construção narrativa do conflito e na afirmação da identidade nacional. Desde 2014, com o início da guerra no Donbass e após a invasão em larga escala pela Rússia em 2022, o audiovisual

ucraniano se tornou um espaço privilegiado de elaboração simbólica, no qual a nação tenta compreender e expressar a própria experiência histórica. Assim, o cinema surge como uma forma de resistência cultural e de reconfiguração da memória coletiva diante da violência e do trauma.

Entre essas produções, *20 Days in Mariupol* (2023), dirigido por Mstyslav Chernov, destaca-se pelo registro sensível dos horrores da invasão russa. O filme acompanha o cerco à cidade de Mariupol, documentando o colapso das instituições civis e o sofrimento cotidiano de seus habitantes. Através das lentes de Chernov, o espectador é colocado frente a frente com a devastação, hospitais bombardeados, crianças feridas, valas comuns e o desespero coletivo, mas também com gestos de solidariedade e resistência. Essa justaposição entre horror e humanidade transforma o documentário em um apelo à consciência global. Ao mesmo tempo, a obra humaniza a resistência ucraniana e denuncia a brutalidade do agressor, tornando-se uma ferramenta simbólica de mobilização nacional.

A importância de filmes como esse ultrapassa o registro histórico. Eles operam como dispositivos de memória e instrumentos de afirmação cultural, participando ativamente da disputa por narrativas sobre a guerra. Como afirma Stuart Hall (1997), a cultura é um espaço de significação e poder, no qual as identidades são produzidas e negociadas. Nesse sentido, o cinema ucraniano não se limita a refletir uma realidade externa, ele produz a própria ideia de Ucrânia enquanto comunidade. As imagens de destruição e resistência, ao circular globalmente, performam uma identidade nacional fundamentada em valores de dignidade, soberania e humanidade.

Judith Butler (1997) observa que as narrativas públicas que definem quais vidas são consideradas “choráveis” moldam o campo ético e político de uma sociedade. *20 Days in Mariupol* responde a essa lógica ao apresentar as vítimas ucranianas não como números ou abstrações, mas como sujeitos com nome, história e rosto. Esse enquadramento visual e narrativo faz com que o sofrimento ganhe sentido coletivo, transformando a experiência individual da dor em símbolo da nação ferida. A performatividade dessas imagens, portanto, é um ato político de reconstrução identitária.

A cultura visual, como argumenta Susan Sontag (2003) em *Diante da dor dos outros*, tem o poder de formar imaginários e de definir as fronteiras do que uma sociedade considera intolerável. A exibição repetida de corpos feridos, cidades destruídas e gestos de compaixão em obras ucranianas cria uma gramática emocional da resistência, na qual o espectador é convocado a participar de uma comunidade moral. Nesse sentido, o cinema não apenas registra a guerra, mas também ensina o público a sentir e a interpretar o conflito. As imagens de Mariupol tornam-se, assim, ícones de uma memória coletiva em formação, inscritas em uma narrativa heroica e trágica da identidade ucraniana contemporânea.

Além de *20 Days in Mariupol*, outros filmes e documentários ampliam essa dimensão cultural da guerra. *Winter on Fire: Ukraine's Fight for Freedom* (2015), dirigido por Evgeny Afineevsky, narra os protestos do Euromaidan e constrói uma ponte simbólica entre as mobilizações de 2014 e a resistência atual. O documentário reforça a continuidade histórica da luta pela autodeterminação, apresentando o povo ucraniano como sujeito coletivo de sua própria história. Já *The Earth Is Blue as an Orange* (2020), de Iryna Tsilyk, retrata o cotidiano de uma família que vive sob bombardeios no Donbass e filma sua própria realidade como forma de sobrevivência emocional. O ato de filmar dentro da guerra sugere que o cinema se torna, para os ucranianos, uma ferramenta de cura e preservação da humanidade diante da destruição.

Essas produções demonstram como a arte, segundo Benedict Anderson (1983), pode sustentar a ideia de “comunidade imaginada”. O sentimento de pertencimento à nação não depende apenas de instituições políticas, mas também de práticas simbólicas e narrativas compartilhadas. Ao assistir a esses filmes, o público ucraniano reconhece-se em um mesmo destino histórico e afetivo, reforçando o elo entre memória, identidade e território. A guerra, portanto, não é apenas um evento geopolítico, mas um processo de reimaginação nacional mediado por imagens.

Volodymyr Kulyk (2019), argumenta que os meios de comunicação desempenham papel central na redefinição da identidade pós-soviética do país. O cinema, nesse contexto, atua como um arquivo emocional (Erll, 2011), capaz de converter experiências traumáticas em narrativas compartilhadas. Ao transformar a

destruição em símbolo de resistência, os filmes ucranianos ajudam a consolidar uma nova mitologia nacional, de uma nação que renasce das ruínas e que resiste ao apagamento cultural e à violência imperial.

Essa dimensão simbólica do cinema torna-se ainda mais evidente quando observamos o impacto internacional dessas obras. Produções como *Klondike* (2022), de Maryna Er Gorbach, e *Reflection* (2023), de Valentyn Vasyanovych, foram exibidas e premiadas em festivais de prestígio, ampliando a visibilidade da narrativa ucraniana. Essa circulação global funciona como forma de diplomacia cultural, projetando uma imagem de nação moderna, corajosa e democrática. Como sugere Homi Bhabha (1994), a nação é uma narrativa em constante reinscrição e, nesse caso, o cinema torna-se o espaço onde a Ucrânia reescreve a si mesma diante do olhar mundial.

Ao mesmo tempo, o cinema documental e as produções independentes que circulam nas redes sociais contribuem para descentralizar a produção de sentido. Pequenos vídeos feitos por civis, jornalistas e voluntários ampliam o alcance da memória coletiva, criando uma espécie de “memória participativa” (Hoskins, 2018) que desafia o controle estatal e o apagamento das vozes locais. Essa multiplicidade de perspectivas reflete uma identidade nacional plural e democrática, fundada na partilha do testemunho e na solidariedade cotidiana.

A guerra, assim, acelera o processo de autodefinição cultural. A Ucrânia, historicamente situada entre impérios e submetida a políticas de russificação, utiliza o cinema como forma de afirmação linguística e simbólica. A escolha de produzir em ucraniano, de representar o sofrimento das minorias e de resgatar narrativas regionais indica um esforço de descolonização cultural. Nessa linha, autores como Myroslava Mudrak (2023) argumentam que o cinema contemporâneo ucraniano expressa uma “estética da sobrevivência”, na qual a arte serve tanto à memória quanto à resistência.

Além de representar o trauma, esses filmes criam também espaços de esperança. Ao documentar gestos de compaixão, reconstrução e solidariedade, o cinema transforma a dor em possibilidade de futuro. A própria prática de filmar, em meio à destruição, torna-se uma recusa ao silenciamento. O cineasta Chernov, ao

continuar registrando enquanto bombas caem ao redor, exemplifica essa ética da resistência que atravessa toda a produção cultural ucraniana recente.

Em síntese, o cinema e o documentário ucranianos contemporâneos são instrumentos de reconstrução simbólica e política. Eles articulam memória e identidade, trauma e resistência, indivíduo e nação. Em um contexto de guerra, a cultura adquire função estratégica. Como escreveu Paul Ricoeur (2000), a memória é sempre seletiva e narrativa, e é por meio dessas narrativas que uma coletividade reconstrói seu sentido de continuidade. Assim, os filmes sobre a guerra não apenas preservam o passado, mas o reconfiguram, tornando-se parte do próprio processo de construção da Ucrânia contemporânea.

5.0 Considerações Finais

A identidade nacional ucraniana, historicamente marcada por disputas, apagamentos e reconstruções, tem passado, nas últimas décadas, principalmente nos últimos anos, por um processo de reconfiguração. Esse estudo procurou analisar como, em meio à guerra com a Rússia, a cultura tornou-se um dos principais pilares de consolidação dessa identidade, atuando tanto como uma ferramenta de resistência quanto como matriz simbólica de coesão.

A cultura, conforme exposto, está longe de ser apenas representativa, ela também possui uma força estruturante. Linguagem, arte, memória e discurso político se juntam para formar narrativas compartilhadas, símbolos coletivos e vínculos emocionais que sustentam o sentimento de pertencimento à nação. Na Ucrânia contemporânea, que é ameaçada em sua soberania territorial e existencial, a cultura passou a exercer uma função vital na luta por autodeterminação.

Eventos como o Holodomor, a repressão soviética, a independência em 1991 e, especialmente, o Euromaidan e a guerra iniciada em 2014, que foi intensificada em 2022 foram fundamentais para criar um novo ethos nacional. O Euromaidan, em particular, revelou-se uma virada cultural, ao promover uma identidade mais cívica, plural e ocidentalizada. Já a guerra de 2022 consolidou essa identidade por meio da resistência coletiva, da mobilização simbólica e da valorização da cultura como trincheira emocional e política.

A música, a literatura, o cinema e as redes sociais desempenharam papéis centrais na propagação de valores, símbolos e sentimentos nacionalistas. A adoção da língua ucraniana como escolha voluntária de muitos falantes de russo é um dos sinais mais evidentes do fortalecimento da identidade cívica ucraniana. A memória histórica que antes era fragmentada ,foi reorganizada em torno de uma narrativa comum de sofrimento e resiliência.

Concluindo, a cultura não apenas resiste: ela constroi. Ao dar forma aos afetos coletivos, ao preservar a memória e projetar futuros possíveis, a cultura ucraniana está desempenhando um papel determinante na defesa e no fortalecimento da nação. Nesse sentido, a guerra funcionou como catalisadora do processo identitário que, em tempos de paz, levou décadas para amadurecer.

Porém, esse processo não está concluído, já que a identidade ucraniana segue em disputa, tanto internamente, diante da diversidade étnica, linguística e regional do país, quanto externamente, diante da ameaça russa e da necessidade de afirmação no cenário internacional. Por fim, não há apenas uma guerra geopolítica, mas também há uma guerra simbólica, e nela, a cultura pode ser considerada tanto escudo quanto espada. A identidade ucraniana que emerge desse confronto é mais do que uma reação à agressão, é a expressão de um povo que, ao se ver ameaçado, reafirma com quem é.

Referências Bibliográficas

20 DAYS IN MARIUPOL. Direção : Mstyslav Chernov . Produção : Associated Press, 2023

ALLISON, Roy. **Russian ‘deniable’ intervention in Ukraine: how and why Russia broke the rules.** *International Affairs*, v. 90, p. 1255–1297, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1111/1468-2346.12170>.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BUTLER, Judith. **Excitable Speech: A Politics of the Performative.** New York: Routledge, 1997.

ERLL, Astrid. **Memory in Culture.** Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1996

FRITH, Simon. **Performing Rites: On the Value of Popular Music.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 1996.

HALL, Stuart. “Cultural Identity and Diaspora.” In: RUTHERFORD, Jonathan (ed.). *Identity: Community, Culture, Difference.* London: Lawrence & Wishart, 1990. p. 222–237.

HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices.** London: Sage, 1997.

HOSKINS, Andrew. **Digital Memory Studies: Media Pasts in Transition.** London: Routledge, 2018.

KALUSH ORCHESTRA. **Stefania** . 2022.

KASIANOV, Georgiy. **Memory crash: politics of history in and around Ukraine, 1980s–2010s.** Budapest: CEU Press, 2022.

KLONDIKE . Direção : Maryna Gorbach. Produção:Kedr Film , 2022

KUKO, S. **The Russian factor in Ukrainian identity.** *Political Studies*, 2023. DOI: <https://doi.org/10.53317/2786-4774-2023-2-8>.

KULYK, Volodymyr. “**Language and Identity in Ukraine after Euromaidan: National Affinity and Political Loyalty.**” *Post-Soviet Affairs*, v. 35, n. 2, p. 87–101, 2019.

KUZIO, Taras. ***Russian nationalism and the Russian-Ukrainian war.*** London: Routledge, 2022.

MINESASHVILI, Salome. **Before and after 2014: Russo-Ukrainian conflict and its impact on European identity discourses in Ukraine.** *Southeast European and Black Sea Studies*, v. 23, p. 461–487, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/14683857.2022.2121251>.

MUDRAK, Myroslava. ***Ukrainian Modernism and the Politics of Survival.*** Kyiv: ArtHuss, 2023.

PLOKHY, Serhii. **The gates of Europe: a history of Ukraine.** New York: Basic Books, 2017.

POLISHCHUK, Yevhen. **National and civil identity in Ukraine in the context of the Russian-Ukrainian war: constants and changes.** *Political Studies*, 2024. DOI: <https://doi.org/10.53317/2786-4774-2024-2-4>.

RICOEUR, Paul. ***A memória, a história, o esquecimento.*** Campinas: Editora da Unicamp, 2007

RHINO. Direção : Oleh Sentsov . Produção : Cry Cinema , 2021

SONTAG, Susan. ***Diante da dor dos outros.*** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STĘPNIEWSKI, Tomasz. **Russia-Ukraine war: independence, identity, and security.** *Rocznik Instytutu Europy Środkowo-Wschodniej*, 2022. DOI: <https://doi.org/10.36874/riesw.2022.2.1>.

THE EARTH IS BLUE AS AN ORANGE . Direção : Iryna Tsilyk . Produção : Iryna Tsilyk , 2020

TOLER, Aram. ***Ukraine's cultural resistance to Russian aggression***. Washington, DC: Atlantic Council, 2023.

WINTER ON FIRE: UKRAINE'S FIGHT FOR FREEDOM . Direção : Evgeny Afineevsky . Produção : Tolmor Production, 2015

ZABUZHKO, Oksana. **The museum of abandoned secrets**. Seattle: AmazonCrossing, 2012.

ZHADAN, Serhiy. **The orphanage**. New Haven: Yale University Press, 2021.

ZELENSKY, V. **Discursos políticos e pronunciamentos públicos, incluindo vídeos para Parlamento Europeu e declarações à população ucraniana. 2019–2023**.